

# O conhecimento do profissional de Educação Física e sua relação com o ambiente de trabalho durante a intervenção profissional

*Rubiane Giovani FONSECA\**

*Jeane Barcelos Soriano\*\**

*Silvia Cristina Nakamura\*\*\**

**Resumo:** A formação do profissional e os conhecimentos que ele adquire em sua história de vida, fazem parte da caracterização da intervenção do profissional de Educação Física. Nesta perspectiva, o objetivo deste estudo foi o de averiguar as características do conhecimento empregado pelo profissional de Educação Física em sua intervenção profissional. Utilizamos a abordagem qualitativa empreendendo um estudo de tipo etnográfico. Após a realização da análise dos dados conseguimos mapear os elementos que constituem o trabalho para a profissional. Concluímos que entender o que faz parte do tema trabalho está relacionado com as representações culturais que a Educação Física tem para os profissionais e para a sociedade.

**Palavras-chave:** Educação Física. Intervenção Profissional. Conhecimento profissional. Etnografia.

## 1 OS DIFERENTES CONHECIMENTOS PRESENTES NA CONSTRUÇÃO DA INTERVENÇÃO

Para mergulhar no complexo universo da intervenção profissional, é essencial entender que existem diversos olhares que tentam explicar sua constituição. Alguns estudos enfocam discussões

---

\* Licenciada em Educação Física. Membro do Grupo de Estudo sobre a Intervenção do Profissional de Educação Física (GEIPEF). Centro de Educação Física e Esporte. Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina – PR, Brasil. E-mail: rubianegf@hotmail.com.

\*\* Professora Doutora. Líder do Grupo de Estudo sobre a Intervenção do Profissional de Educação Física (GEIPEF). Centro de Educação Física e Esporte. Universidade Estadual de Londrina. (UEL). Londrina – PR, Brasil. E-mail: e-mail: soriano@sercomtel.com.br

\*\*\* Estudante de Iniciação Científica. Membro do Grupo de Estudo sobre a Intervenção do Profissional de Educação Física (GEIPEF). Centro de Educação Física e Esporte. Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina – PR, Brasil. E-mail: silvianakamura18@hotmail.com

sobre o mercado de trabalho e suas peculiaridades (GONDIM, 2002; NASCIMENTO, 2000; VERENGUER, 2003), outros debatem questões sobre a competência profissional (NASCIMENTO, 1999; SORIANO, 2003; VEGA, 2002), alguns discutem elementos presentes na preparação profissional (BARROS, 1998; BETTI, 1996; CALDEIRA, 2001; FREIRE, VERENGUER e REIS, 2002; MANOEL e TANI, 1999; TANI, 1996) e outros discursam sobre os conhecimentos profissionais e sua constituição (BERSI, 2006; FREIDSON, 2001; MESQUITA, 1997; PERRENOUD, 2002; SORIANO, 2004; TANI, 1996), porém todos participam na construção de um quadro explicativo que nos possibilita a compreensão dos processos atinentes à Intervenção Profissional, de maneira geral.

Por ter um vasto campo de estudo, entendemos que a intervenção profissional deva ser observada por uma visão mais ampla de sua realidade, através da captação das influências e interferências subjacentes ao campo profissional. Nessa perspectiva, o processo pelo qual o profissional de Educação Física obtém, transforma e intervém com seus conhecimentos, passa por modificações resultantes de sua própria história de vida, do contexto no qual está inserido e do tipo de formação ao qual foi submetido. Sendo assim, constituem a cultura<sup>1</sup> profissional na Educação Física.

Ao destacar os elementos que fazem parte da Intervenção, pode-se perceber que muitas questões tornam-se evidentes no que se refere ao trabalho do profissional de Educação Física, como: a) quais perspectivas oferecem; b) o que se objetiva com ele; c) quais referências ou paradigmas o profissional se utiliza para realizar equiparações; d) quais as características do trabalho que realiza; e) como o indivíduo realiza-se a partir dele (SORIANO; WINTERSTEIN, 1998).

Essas questões permanecem latentes no cotidiano de trabalho profissional e são mantidas ou modificadas conforme as possibilidades

---

<sup>1</sup> Entendemos como cultura um legado social que o indivíduo adquire com o grupo ao qual ele está inserido e é aceito por este grupo (GEERTZ, 1989), ou seja, os conhecimentos, os atos e as condutas existentes na Intervenção profissional que são significantes para Educação Física.

de interações com o meio no qual o indivíduo está inserido. Por considerarmos que a formação acontece de maneira contínua e não apenas na graduação ou em pós-graduações, mas sim através de toda e qualquer experiência vivenciada pelo profissional, como por exemplo com seus alunos, em cursos ou mesmo com sua família, é de grande importância que existam estudos sobre a intervenção que abordem questões mais próximas da realidade do profissional.

Como MESQUITA (1997, p.161) explica sobre o processo de aquisição do conhecimento,

Ele pode ser adquirido de duas maneiras: inconsciente e conscientemente. O primeiro, no próprio transcorrer do ciclo de vida do indivíduo, nas suas interações sociais, nas suas observações e adaptações; é um conhecimento empírico não-sistematizado. O segundo é um processo de aquisição de informações através de distintos sistemas como leituras, palestras e cursos.

Assim, o conhecimento tácito ou empírico influencia diretamente no conhecimento formalizado e identificar como funciona este processo e quais suas peculiaridades nos possibilitam a transferência desses conhecimentos para a capacitação profissional.

Perrenoud (2002, p. 29), que defende uma postura reflexiva do profissional sobre sua Intervenção, afirma que a autonomia e a responsabilidade de um profissional dependem de uma grande capacidade de refletir em e sobre sua ação, no entanto acreditamos que parte dessa reflexão se dá por meio de olhar curioso sobre o “óbvio” do cotidiano profissional, ou seja, porque uma mesma ação se repete em diferentes aulas, com diferentes alunos; ou porque alguns tipos de conhecimentos aparecem de maneira mais freqüente do que outros etc.

Em se tratando da Educação Física, esse tipo de reflexão ainda se encontra incipiente. Assim como afirma SORIANO (2004, p. 316-317):

A idéia de desnudar, pelo menos em parte, esse dinamismo significa encarar a complexidade de vários fatores interagindo na ocorrência e solução

de um ou de vários problemas originados por demandas que atuam, muitas vezes simultaneamente, e que são parte corrente do cotidiano profissional em educação física.

Portanto, saber quais os elementos que estão por trás da intervenção profissional e como são combinados para construir uma ação, foram os norteadores para delinear o estudo e procurar realizar uma descrição densa e contextualizada da realidade profissional.

Assim, o objetivo deste estudo foi o de averiguar as características do conhecimento empregado pelo profissional de Educação Física em sua intervenção profissional com programas de exercícios físicos na área não escolar.

## 2 O ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

No intuito de compreender a dinâmica existente na intervenção do profissional de Educação Física, buscamos empreender um olhar ampliado para revelar as peculiaridades da rotina profissional através da abordagem qualitativa com uma pesquisa tipo etnográfica (ANDRÉ, 1995; TEDLOCK, 2000), ou seja, alguns elementos pertencentes à etnografia foram utilizados com o intuito de entender a dinâmica existente na intervenção do profissional

Esse tipo de conduta é de origem antropológica, resultante de métodos de pesquisa social, “[...] baseada na observação participante e/ou em registros permanentes da vida diária nos locais e contextos em que ela naturalmente acontece” (SATO; SOUZA, 2001, p. 1-2). Dessa forma, utilizando estas estratégias tornou-se possível contextualizar o meio estudado, identificar valores, julgamentos, falhas, incertezas, satisfações e insatisfações da pessoa pesquisada.

Nesse tipo de pesquisa a aproximação do pesquisador com o pesquisado é muito importante para a busca de sentidos na relação entre os fatos e de significados que estão diluídos no cotidiano e no contexto no qual o profissional está inserido. Desta forma:

**Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 151-177, setembro/dezembro de 2007.

[...] o observador a partir de observações em outras sociedades vai notando certas diferenças em relação à sua própria sociedade. O estranhamento com relação a determinados hábitos e comportamentos o faz olhar criticamente para características até então tidas como naturais em sua sociedade. (DAOLIO, 1999, p. 24).

Para um olhar crítico diante das singularidades do campo de estudo, o pesquisador deve “[...] estranhar o que é familiar, e familiarizar-se com o que é estranho” (DAMATTA, 1978, p. 28). No entanto, a maneira como o pesquisador se posiciona diante de situações da cultura estudada, e como ele reflete a partir de sua própria visão de mundo, é baseada pela sua preparação teórico-metodológica, definida por Damatta (1978, p. 24) como “[...] um excesso de conhecimento, mas de um conhecer que é teórico, universal e mediatizado, não pelo concreto e, sobretudo pelo específico, mas pelo abstrato e pelo não vivenciado”. Esse “excesso de conhecimento”, referenciado por Damatta, é um aprofundamento conceitual, a preparação do pesquisador para *o que* poderá encontrar em campo e *como* deverá se comportar frente a situações imprevisíveis, estando presente nas rotinas do grupo local ou da cultura pesquisada. Esta pré-preparação permite o pesquisador abandonar formulações abstratas da realidade “[...] pois é necessário ‘suspender o juízo’ por um momento” (EZPELETA; ROCKWELL, 1989, p. 50).

Como norteador da coleta, análise e discussão de dados, utilizamos Spradley (1979), o qual apresenta os passos de análise para dados tipo etnográficos de forma clara e coesa. Para o processo de escolha dos participantes, foram adotados como critérios: a) os profissionais serem formados há um ano na área não escolar; b) serem indicados por outros profissionais atuantes na área.

Tivemos a aceitação de uma profissional<sup>2</sup> que não apresentou restrições quanto a nossa presença no seu local de trabalho e para a utilização do gravador, porém não houve aceitação para a filmagem

<sup>2</sup> A participante do estudo assinou o termo de consentimento esclarecido, conforme aprovação e diretrizes do Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos da Universidade Estadual de Londrina.

de suas intervenções já que primava por garantir a privacidade dos “usuários”.

Com a aceitação da participação na pesquisa, realizamos nossas incursões em campo onde ocorreram as observações e captações das intervenções da participante. O primeiro encontro aconteceu em seu local de trabalho, antes de sua “aula”. Realizamos uma entrevista inicial para obter informações pessoais como idade, ano de formação, tempo de atuação na área, local que atuava anteriormente, horários em que ministrava aulas etc. Nesta entrevista, entregamos um termo de consentimento esclarecido, conforme diretrizes do Comitê de Ética da Universidade Estadual de Londrina.

Com o tempo, nossa presença foi se tornando comum no ambiente observado, até que fizéssemos parte da dinâmica do local de intervenção. Segundo Sato e Souza (2001, p. 5):

[...] o fato de não utilizarmos instrumentos visíveis de investigação e de estarmos ali, com as pessoas do local, passando horas e horas observando, conversando, andando, muitas vezes como qualquer outro visitante o faria, é motivo de curiosidade e também de apreensão.

A presença em campo gera dúvidas, de quem está sendo observado, sobre os juízos de valores do pesquisador, e a maneira como ele se posiciona diante das inúmeras circunstâncias que surgem durante sua presença no local observado é que garantirá uma convivência rica, repleta de trocas e informações. Dessa maneira, tornamos a observação o método imprescindível para captar as relações do contexto profissional, e para uma maior consistência dos dados, utilizamos um gravador digital com microfone de lapela, que permanecia em poder do observado durante suas aulas. Essas gravações eram transcritas e utilizadas para posterior análise. Foram realizadas um total de 31 observações em nove meses de estudo, resultando em 116 páginas de dados.

Como forma de obter ainda mais informações sobre as relações entre pesquisador, ambiente e participante, foi utilizado um Diário de Campo. Além de relatar as aulas observadas e situações expressivas que não podem ser captadas pelo gravador e anotações de campo, o Diário de Campo foi uma forma de nos situarmos em nossas observações

e de resgate das conversas informais que puderam complementar o “quebra-cabeça” da descrição da intervenção profissional.

Finalmente, realizamos entrevistas referentes aos dados coletados durante as observações por meio das quais era possível explorar de diversas maneiras um mesmo tema, na busca por diferentes significados. Essas entrevistas não seguem um tempo pré-determinado de ocorrência, mas dependem da necessidade de informações para a consistência da pesquisa. No total, foram realizadas quatro entrevistas durante o processo de obtenção de dados, já que as principais fontes de informação eram os processos de intervenção observados.

### 3 ANÁLISE DOS DADOS

O processo de análise ocorreu em quatro etapas delineadas por Spradley (1979): 1) análise de domínio; 2) perguntas estruturais; 3) análise taxionômica; e 4) questões de contraste. Optamos por este referencial, pois demonstrava claramente o processo de envolvimento do pesquisador com os dados obtidos e os passos que deveríamos seguir para chegarmos numa descrição da intervenção do profissional pesquisado.

A fase da análise de domínio consiste no esquadramento de todas as palavras repetidas e de todos os seus possíveis significados conforme relações semânticas propostas por Spradley (1979), que significavam causa e efeito, seqüências, partes, atribuições, etc., de um determinado termo, como no quadro a seguir:

<b>Termos de inclusão</b>	<b>Relação semântica</b>	<b>Termo de cobertura</b>
Tá feliz Tá bem fisicamente Dorme bem	X é um atributo para Y	SAÚDE
Psicológica De joelho	X é um tipo de Y	DOR

**Quadro 1.** Análise de domínio: relação semântica das palavras repetidas com o termo de cobertura.

Depois de mapeado todos os termos comuns nas falas do participante, realizamos a fase dois, das perguntas estruturais. Nesta fase, os termos foram explorados e confirmados através de perguntas como: o que é saúde para você?; o que é dor para você?; o que faz parte da saúde para você? Questões assim incentivaram reflexões do profissional sobre elementos que aparecem de maneira sutil no seu cotidiano. As questões estruturais fizeram parte de todas as entrevista que realizamos durante o processo de coleta e análise de dados. Como Spradley (1979, p. 120) define, as questões estruturais precisam ser adaptadas a cada informante, mescladas com outros tipos de questões e repetidas frequentemente.

Dessa maneira, passada a fase de obtenção de significação dos termos usados pelo pesquisado, iniciamos a terceira fase de análise, a análise taxionômica, que compreende a seleção e organização dos termos que já podem ser explicados pela sua densidade e consistência. É o momento em que selecionamos o tema cultural a ser descrito e organizamos todos o seus possíveis significados, como no quadro a seguir:

DOR	Incômodo	Físico	Parto	
			Contração	
			Cólica	
			Corte de dedo	
			Tendinite	
			Machucado	Sai sangue
				Quebra
			Problemas de saúde	
			Lesão	
			Dor de joelho	

continua...



continuação.

DOR	Incômodo	Psicológico	Um namorado
			Pessoa que tá doente
			Não passar no vestibular
			Somatória de tudo que fiz pra minha saúde
			Somatória de tudo que fiz pra mim

**Quadro 2.** Análise taxionômica: seleção dos temas e seus significados.

Assim tornam-se claras as representações que o profissional mantém sobre um termo encontrado em suas próprias falas e como ele se relaciona com o seu dia-a-dia de intervenção.

Finalmente, iniciamos a quarta fase de análise dos dados através das Questões de Contraste que nos permitiram explorar as possíveis diferenças de um mesmo símbolo ou termo. Através de entrevistas, realizávamos perguntas como “qual é a diferença entre dor psicológica e dor física?”, “como você descreveria um incômodo?”, etc. Esta fase é repleta de significações que só podem ser atribuídas pelo entrevistado e é uma das ferramentas mais poderosas para descobrir relações tácitas entre os termos culturais que foram coletados do participante (SPRADLEY, 1979).

Através desses passos de análise, os dados foram desenhados e pudemos realizar uma descrição consistente e autêntica sobre a intervenção do profissional de Educação Física e suas peculiaridades.

#### **4 INTERVENÇÃO PROFISSIONAL: OS ELEMENTOS DO COTIDIANO DE TRABALHO DA LARISSA**

Ao realizar a análise de domínio, muitos termos já eram usados pela profissional com diversificado rol de significados e essa variedade de sentidos para um único termo persistiu durante todo o processo de análise. Cada vez que mapeávamos as possibilidades significativas de um termo, ele se relacionava com o dia-a-dia de

trabalho da profissional o que nos levou a incluir, em todas as entrevistas, perguntas que abordassem o termo “trabalho”. Na fase da análise taxionômica, corroboramos nossas suspeitas quando agrupamos os termos e iniciamos a descrição cultural: todos os elementos explicavam o que fazia parte de um único tema, o trabalho.

Dessa forma, para iniciarmos a descrição dos elementos que estão por trás da intervenção profissional da participante, apresentaremos um pouco de sua história de vida, transpassada pelas conversas informais nas aulas com seus alunos e durante as entrevistas realizadas ao longo da pesquisa

Formada há oito anos por uma universidade pública, Larissa, de 35 anos, teve sua inserção no campo de trabalho como instrutora de natação, hidroginástica e também atuou com uma linha da *Body Systems* vinculada ao meio aquático. Depois de oito anos de intervenção, devido à carga de trabalho e grandes períodos em posição agachada, começou a sentir dores no joelho levando-a a se afastar deste tipo de atuação.

Foi quando encontrou um anúncio da “Clínica”, local em que trabalha atualmente, onde logo se apresentou expondo sua situação de aprendiz de um novo campo de trabalho. A “proprietária” da clínica aceitou Larissa logo em seguida, iniciando uma relação de trocas de conhecimentos distintos a partir de observações e participações nas aulas, antes de iniciar na efetiva intervenção com os alunos.

Larissa trabalha nesse local há dois anos, e não possui nenhum tipo de pós-graduação, fator que justifica pela falta de tempo, já que é casada e tem um filho de 10 anos, além de sinalizar que esses cursos têm um custo elevado para conseguir mantê-los. Porém, ela expressa sempre buscar uma relação de troca com outras áreas de conhecimento através de materiais teóricos, como livros e artigos, e contatos com outros profissionais de Educação Física, nutricionistas, fisioterapeutas, massagistas, médicos e, como esse fator tem uma relação direta com o trabalho da profissional, logo se tornou uma das categorias que ajudaram a descrever os elementos da intervenção profissional de Larissa.

#### 4.1 A RELAÇÃO COM OS OUTROS PROFISSIONAIS

Ao mapear as relações de trocas que Larissa mantinha com outros profissionais, percebemos que muitas das redes de relações da profissional com outras categorias foram estabelecidas e ampliadas tanto para suprir a necessidade de conhecimentos presentes em suas ações quanto para ampliar o círculo de interação profissional ou social.

Essas relações se iniciaram com a própria colega de trabalho, proprietária da clínica:

A troca que eu mais tenho é com a própria profissional daqui, né? A “Proprietária”<sup>3</sup> né no caso, eu e ela sempre tem essa troca, sempre tem essa conversa de como tá o desenvolvimento de cada aluno, o dia-dia de cada um, até troca de mensagens se tem, porque como esse pessoal vem encaminhado por médico, aí vem essa preocupação, de tá fazendo o exercício correto, então como ela tem a pós em reabilitação, exercício físico, eu pergunto muito pra ela se tá correto a maneira que eu tô fazendo, então essa troca eu acho que existe sempre mesmo. (LARISSA).

Com essa fala, subentende-se uma sutil hierarquia existente no próprio local de trabalho, justificada pela maior experiência da “proprietária” e sua pós-graduação em reabilitação, além de, implicitamente, o médico influenciar no tipo de intervenção que ambas as profissionais do estabelecimento realizam. Mas, como e por que outra área de conhecimento pode influenciar de maneira tão presente na intervenção da profissional de Educação Física? A resposta para essa pergunta pode estar pautada na “[...] legitimidade hegemônica dos saberes relativos à doença e à saúde” (ORNELLAS, 1999, p. 19) que a medicina detém.

Esta influência da área médica na atuação da profissional de Educação Física faz parte da maneira como vão sendo elaboradas

<sup>3</sup> “Proprietária” refere-se à dona do local, e utilizamos esse termo a fim de preservar a identidade das pessoas citadas durante a pesquisa.

as intervenções que a clínica oferece, já que grande parte dos alunos que freqüentam o local possuem algum tipo de indicação médica: “[...] eu acho que eu tenho 90% do que a gente tem ou veio por fisioterapeuta ou veio por ortopedista”.

Soriano (2003, p. 20) sinaliza que:

[...] é importante destacar a relevância de se identificar a influencia do conhecimento profissional, ou mesmo da contribuição de um grupo profissional na vida cotidiana da comunidade na qual está inserido, pois esse fator favorece o tipo de visibilidade a que ele se sujeita ou está sujeito.

Desta forma, percebemos que Larissa constrói suas aulas com diversos conhecimentos existentes na Educação Física e em outras áreas, porém sempre busca realizá-las conforme as prioridades dos alunos com relação ao diagnóstico do médico.

Contudo, com alguns profissionais a relação gira em torno de trocas de conhecimentos chegando a se tornar uma amizade informal, como aconteceu com a Massagista. Larissa precisava de maiores conhecimentos sobre massagem corporal com a intenção de aplicá-las em seus alunos no final de algumas aulas e uma de suas alunas era massagista. “Tem uma aluna daqui que é massagista então eu vo na casa dela, vejo ela fazê, então, é, é, buscando. Ou eu peço pra ela fazê em mim, pra eu vê, como é sabe, então é busca, é lê”.

Notamos que entrar em contato com outro profissional para utilizar seus conhecimentos especializados em suas próprias aulas, era uma das maneiras de buscar mais recursos para a construção de sua intervenção. Segundo Betti (1996, p. 103),

Um profissional aprende com outros colegas, aprende por tentativa e erro, adapta suas ações às demandas institucionais, às aspirações da comunidade, etc. Neste processo, seleciona e adapta conteúdos e estratégias de ensino aprendidas na sua formação acadêmica, e despreza outros.

Portanto, concordamos com Perrenoud (2002) quando diz que “[...] grande parte dos problemas tratados por um profissional não figura nos livros e não pode ser resolvida apenas com a ajuda dos saberes teóricos e procedimentais ensinados”, mas também através de suas percepções contextuais do que é relevante ou não ser adquirido para sua intervenção profissional.

Outra relação de troca entre profissionais ocorrida na “clínica” aconteceu com as visitas de uma nutricionista. Observamos uma de suas visitas e nesta ocasião ela realizou medidas antropométricas (peso e altura) no qual estimou o índice de massa corpórea (IMC) e medidas das dobras cutâneas dos alunos presentes na aula. Depois dessas avaliações, a nutricionista indicava a porcentagem de tecido adiposo e fazia sugestões sobre quanto o aluno deveria perder ou ganhar para ter seu peso ideal alcançado. Percebemos que a profissional utilizou recursos pertencentes tanto à Educação Física quanto à Nutrição, mas que nessa ocasião esses conhecimentos deixaram de ser referências da Educação Física e passaram a ser uma referência instrumental para a Nutrição.

Como Verenguer (2003, p. 53) ressalta:

[...] o baixo grau de autonomia observado no cotidiano de trabalho em Educação Física sugere uma realidade na qual estamos sempre dependendo de alguém ou algo que nos diga o que fazer. Isso pode ser desde uma “nova moda de verão” até a interferência de profissionais de outras áreas na definição do que é ou não em matéria de Educação Física.

Estas visitas da nutricionista ocorrem sempre que os alunos pedem ou quando a clínica planeja uma aula “diferente”, que saia de seu contexto, como Larissa exemplifica: “A gente que busca dela né, ela vem, um dia ela vem fala sobre alimentação saudável, outro dia ela vem e fala sobre dieta porque a gente sempre busca essas coisa diferente”.

Ronca e Costa (2002, p. 26) afirmam que:

Essa transdisciplinaridade é a maneira encontrada pelo profissional de suprir exigências percebidas

em seu dia-a-dia, como parte da interpretação que ele dá às tendências não apenas do mercado, mas sobretudo das inovações que se traduzem em conhecimentos.

Logo, percebemos que as escolhas dos saberes a serem adquiridos, tanto através de outros profissionais quanto por outros meios de informação, giram em torno do imediatismo das situações problemas emergentes durante a intervenção, mas que uma vez adquiridos, estes conhecimentos são adicionados à bagagem profissional e utilizados a longo prazo.

#### 4.2 AS FONTES DE CONHECIMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DA INTERVENÇÃO PROFISSIONAL

Como a busca por outros conteúdos que complementem a construção da ação profissional era um quesito constantemente presente nas falas da informante, consideramos de grande importância para o entendimento dos elementos que estão por trás de sua intervenção, saber quais eram as fontes de busca destes conhecimentos, utilizados no planejamento de diversas atividades para as aulas, conforme as particularidades de seus alunos.

Tal ânsia por adquirir informações que contextualizassem suas intervenções, estava contida na forma como Larissa interagiu com seus alunos ou até mesmo na maneira como mantinha contato fora do ambiente de trabalho, e uma de suas estratégias mais utilizadas na comunicação e pesquisa, considerada como essencial pela informante, foi a Internet.

A participante utilizava a Internet no envio de mensagens para seus alunos, com assuntos que iam desde saúde, humor, religião, política, atualidades e informativos sobre a Clínica. Destas mensagens, a maioria era encaminhada por amigos e alunos da profissional, mantendo assim um meio de interação entre aluno e professor. Em muitas destas interações Larissa conseguia informações sobre o estado emocional e de saúde de seus alunos e as utilizava no preparo de atividades que os beneficiassem de alguma maneira, como foi registrado em

uma de suas falas: “Tem mais quantidade na Internet, né? Você põe e aparece muita... a é tudo né, pode ser contato pessoa, ela é também, falo com todo mundo aí, ela é busca, ela é fonte de informação, ela acaba sendo tudo”.

A participação da Internet no cotidiano de trabalho de Larissa, retrata a realidade de muitos profissionais que tentam se manter interados com o que acontece no local de trabalho, com as novidades existentes no seu grupo profissional e com seus alunos.

Desta forma, os livros, também citados pela informante como uma fonte de busca de novos conhecimentos, são considerados vagos e de difícil acesso, contrastando com a facilidade e a rapidez de obtenção de informações que podem ser localizadas através da Internet. Ainda assim, em nossas observações, percebemos que Larissa mantinha alguns livros de consultas em sua escrivaninha além de presenciarmos uma aluna lhe emprestando um livro sobre gravidez. Segundo Larissa, essa aluna estava grávida e iria começar a ler o livro, quando lhe pediu emprestado: “[...] ela comentou, que ela tinha lido na primeira gravidez que ela tinha lido um livro de parto sem dor, ai ela eu perguntei se ela me emprestava”.

A informante nos relatou que foi uma maneira de aprender mais sobre como intervir com aquela aluna e de obter mais conhecimentos sobre aquele assunto em especial.

Assim como Ronca e Costa (2002) afirmam “[...] o tipo de associação que os indivíduos fazem entre as informações disponíveis é que determinam o valor que elas podem ter contextualmente” (p. 28). Nessa perspectiva, as avaliações realizadas periodicamente nos alunos pela profissional também são fontes de informações utilizadas na construção e aplicação das atividades nas aulas.

Para a profissional, existem dois tipos de avaliação. A primeira é a avaliação inicial, composta por três testes: de força abdominal, de postura e de flexibilidade. Essas avaliações ocorrem antes do aluno iniciar as aulas na “Clínica”, e, depois, periodicamente a cada três meses. Larissa explica que esse espaço de tempo, entre uma

avaliação e outra é necessário, porque os efeitos das aulas se tornam mais visíveis para os alunos, portanto é uma maneira de exemplificar o progresso no programa de exercícios físicos da “Clínica” para seus usuários.

A segunda maneira de avaliar seus alunos é através das conversas informais. Por elas Larissa consegue saber como seus alunos estão se alimentando ou dormindo e essas informações são registradas no intuito de organizar as aulas para o bem estar e motivação do aluno.

Às vezes o que eu converso com ela parece uma conversa à-toa, tamu só passando o tempo, mas ai... se tem alguma coisa importante, a hora que acaba a aula eu vo lá no computador e escrevo [...] Na hora que eles chegam é aquele *feedback* do dia assim, né? Eles chegam contando o que aconteceu, aquela coisa tal... é nesses primeiros momentos com eles que eu vejo como é que eles estão.

Percebe-se que a especificidade da intervenção está presente em suas falas a todo o momento, o que torna claro a preparação inicial e constante a que a informante se submete para que sua intervenção seja fundamentada por critérios reais ao seu público alvo e contextualizada com as capacidades da Clínica. Além desses aspectos, um ponto forte em suas falas é a de sempre primar pela integridade e bem estar de seus alunos em qualquer atividade. Mas por que este fator é tão importante para a profissional? Acreditamos que a resposta para essa pergunta pode estar nas representações sobre sua própria imagem enquanto profissional.

Eu acho muito importante isso que a gente faz, e se todo mundo pensasse assim, muitas academias seriam muito melhores, porque eu fiz estágio em muita academia, só que eu observava mais os profissionais do que as aulas em si, então você vê muita coisa que você fala: meu Deus, as pessoas tão correndo sério risco, né? porque se tá cuidando da saúde de uma pessoa né?, mais tem que tá sempre lendo, sempre se atualizando, sempre buscando, né?, não sai do nada pra suas aulas. (LARISSA).



Nesse relato, percebemos que para Larissa o objeto de intervenção da Educação Física é o corpo e uma de suas prioridades enquanto profissional é prezar pela saúde de uma pessoa. Esta caracterização apresenta a fragilidade da identidade que a Educação Física perpetua nas representações que os profissionais mantêm de suas contribuições para a sociedade. Segundo Freire, Verenguer e Reis (2002, p. 40):

O próprio profissional não apresenta uma identidade própria, pois quando questionado sobre a importância da Educação Física para a sociedade, ou sobre os objetivos dos serviços prestados, afirma que seu trabalho visa a uma melhoria da saúde e da qualidade de vida das pessoas. Essas afirmações tão genéricas expõem a fragilidade e a falta de clareza dos profissionais sobre a especificidade da profissão, haja vista que se espera de muitas outras áreas, a contribuição para que objetivos tão complexos possam ser atingidos.

Assim, o profissional constrói as representações sobre sua própria imagem incluindo-se em áreas hegemônicas, socialmente com maior representatividade, zelando por um “falso” reconhecimento profissional, devido à falta de clareza sobre as especificidades que compreende a Educação Física.

#### 4.3 AS AULAS NA “CLÍNICA”

A busca por diferenciação, tanto do atendimento quanto dos serviços prestados, é uma das características mais marcantes da “Clínica” que está impressa na intervenção de Larissa. As aulas são planejadas pela profissional e “proprietária” no começo de cada semestre e modificadas conforme as necessidades do público a ser atendido.

Grande parte das aulas observadas iniciava na “salinha de baixo”. Essa salinha, de cerca de 4 metros quadrados, guarda alguns aparelhos para treinamento de força como voador (exercícios para peitoral e costas), *leg press* (exercícios para membros inferiores), banco de supino (exercícios para peitoral), extensora (exercícios para membros

inferiores) e pesos livres organizados na escada de acesso à sala. Esses aparelhos são considerados, pela profissional, básicos para o seu trabalho e para a capacidade da Clínica.

A maioria dos alunos que freqüentam a Clínica tem mais de 40 anos e muitos dos exercícios propostos pela profissional, de um modo geral, são voltados para a população idosa. Por exemplo, Larissa pede sempre pouca amplitude na execução dos exercícios nos aparelhos, e quando perguntamos o porquê desse cuidado, Larissa nos explicou que servia para evitar algum tipo de lesão nos alunos.

Tem alguém, tem pessoas que já têm lesões, a gente tem muito aluno com lesões no joelho, então, principalmente idosas, elas têm desgaste no joelho, então se você deixa elas flexiona muito a perna ou ela estende totalmente, eu posso piorar a dor dela ao invés melhorar. Né, então é evitá lesões principalmente. (LARISSA).

Essa fala demonstra que as características dos usuários que freqüentam o local de trabalho do profissional, delineiam o tipo de intervenção que ele deverá realizar e quais instrumentos e estratégias deverá dominar.

Além dos aparelhos para exercícios de força, esta “salinha” tinha uma esteira elétrica e duas bicicletas ergométricas com encosto, devido à população idosa que freqüentava o local. Todos os dias os alunos realizavam exercícios de força e de resistência cardiorrespiratória nessa “salinha” e em seguida se encaminhavam para outra sala um pouco maior. Essa sala era retangular, com espelhos nas faces laterais e duas barras para alongamentos com cerca de um metro de altura, na parede de maior comprimento. Nela acontecia a parte principal e final das aulas da profissional de Educação Física.

Os exercícios planejados para essa fase das aulas eram todos bem diversificados com grande variedade de materiais, buscando sempre atingir os objetivos delineados para cada dia. Todas as aulas eram acompanhadas por músicas, sugeridas pelos alunos ou escolhidas pelo tipo de turma, por exemplo: as turmas com alunos mais jovens realizavam as aulas com músicas mais agitadas; as turmas

com pessoas mais velhas utilizavam músicas mais calmas e baixo volume.

Presenciamos atividades realizadas em colchonetes, *steps* ou plintos, com cordas, bastões, bolas de diversos tamanhos, panos e até bexigas. Cada material foi um meio utilizado pela profissional para atingir capacidades de equilíbrio, força, coordenação, agilidade, flexibilidade, lateralidade, correção postural e resistência cardiorrespiratória, o que nos fez perceber que a profissional mobilizou os conhecimentos que obteve formalmente reestruturando-os conforme sua intenção enquanto profissional, na preparação de suas aulas.

Como presenciamos em uma de nossas observações, Larissa distribuiu bolas de plástico para cada um dos alunos, e pediu para que se organizassem em duplas. Ao seu comando, cada aluno iria trocar de bola ao mesmo tempo, porém a cada troca um desafio a mais era pedido, como, por exemplo, ficar em um pé só, ou de olhos fechados, permanecer de costas para o companheiro e assim por diante. Este foi um exemplo de criatividade profissional, possibilitada pela bagagem prévia de conhecimentos, adquiridas até aquele momento. Segundo Soriano (2004), na relação com o meio, a partir dos conhecimentos e estratégias que detêm, os profissionais vão elaborando suas hipóteses, conceitos e noções podendo promover reestruturações ou até criações de novos modos de intervenção.

Nas partes finais das aulas, Larissa utilizava como volta à calma para seus alunos, músicas lentas com o volume baixo, apagava as luzes e pedia para que deitassem como quisessem colchonetes. Logo em seguida, lia uma mensagem sugerida por algum aluno, recebida por *e-mail* ou copiada de alguma revista ou jornal. As mensagens abordavam assuntos como: saúde, alimentação, reflexões, religiosas, etc., e assim eram os desfechos de muitas aulas. Para Larissa, as mensagens eram como um meio de relaxar os alunos ou mesmo uma maneira de cativá-los em especial: “A mensagem também é uma forma de relaxar, porque às vezes eu pego as mensagens aleatoriamente, mas às vezes eu pego sabendo que alguma delas tá precisando”.

Quando perguntamos onde e quando Larissa achou interessante utilizar esta estratégia com seus alunos, ela deixou claro que foi uma experiência adquirida após sua formação acadêmica e que foi somada a sua intervenção profissional: “Na faculdade cê nem imagina que pode usar este tipo de artifício. Na faculdade cê num imagina e em todo lugar que eu já fiz estágio que eu já passei, num tinha esse hábito, né?, só esse oba-oba né? Tchau, tchau, vâmu bora, vâmu bora, né?”.

Esta sensibilidade com seus alunos, representada através dos relacionamentos mantidos no local e fora do trabalho, além dos meios e estratégias escolhidos para alcançar o respeito e o reconhecimento profissional, denunciam a consciência de um papel utilitário a Educação Física representa para a sociedade.

Esse papel é subentendido através de ações que não fazem parte dos hábitos profissionais da Educação Física, mas que são acrescentados às suas intervenções para seduzir os usuários sobre a necessidade e a importância de sua presença na vida de cada indivíduo. Além disso, as contínuas associações da Educação Física com axiomas como “ajuda a relaxar” ou outros relacionados à saúde, educação e bem-estar, propagam a necessidade de uma identidade mais consistente para a Educação Física.

Como Lovisoló (1995, p. xix), concordamos que: “[...] se a sociedade é complexa, diversificada e plural, é absolutamente coerente deduzir que existirão diferentes interesses, demandas e projetos de intervenção em diversos campos e também no interior do campo da Educação Física”. Por isso, sempre existirão novas atribuições e definições sobre a Intervenção profissional, porém é necessário que a Educação Física seja reconhecida pela sua capacidade de compreender, dominar e transformar seus conhecimentos e não pelo seu ilusório poder de “[...] resolução de todos os problemas” (SOBRAL, 1996, p. 149).

Observar o ambiente de trabalho da Larissa nos proporcionou uma perspectiva diferente sobre o trabalho do profissional de Educação Física, talvez não apenas pelo contexto de intervenção, mas pelo caráter essencial que algumas representações podem adquirir no meio social em que o profissional vive.

Assim, aprendemos que grande parte do conhecimento que o profissional detém é transformado a cada dia, muitos saberes são adicionados aos que já foram dominados e poucos profissionais têm a mínima consciência disso.

Precisamos desenvolver uma reflexão coletiva de nossas ações profissionais e começar a entender que “a formação não é mais transmissão de conteúdos, mas construção de experiências formativas pela aplicação e estimulação de situações de aprendizagem” (PERRENOUD, 2002, p. 78), ou seja, ela é contínua e ocorre durante toda a carreira profissional. Seja em um congresso técnico/científico, seja na escolha de uma música para a aula ou na instrução de um exercício para o aluno, o profissional sempre estará em formação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a intervenção do profissional de Educação Física *in loco* traz consigo uma grande responsabilidade no que diz respeito à veracidade da descrição do cenário ao qual o profissional pertence. As observações não são descompromissadas ou fonte de críticas a respeito de seus conteúdos e procedimentos, mas sim realizadas de uma maneira desprendida dos juízos de valor, pertinente às características de cada um, pesquisador ou não. Dessa maneira, o estudo da intervenção do profissional possibilita a compreensão dos mecanismos que estão por trás da prática cotidiana da profissão, dos costumes e hábitos adquiridos no dia-a-dia profissional.

Os diferentes tipos de conhecimentos que o indivíduo utiliza para construir sua ação são resultantes das diferentes formas de aquisição desses conhecimentos, variando desde o tipo de preparação pelo qual ele passou, suas relações pessoais e profissionais, até influências do meio de trabalho no qual o profissional está inserido.

Porém, a forma como o próprio profissional descreve, identifica ou significa uma ação faz parte de suas concepções, atreladas às suas experiências de vida, e por isso o seu relato é único e impossível de ser reproduzido por ele mesmo em outro momento, já que qualquer minuto passado nunca será o mesmo em qualquer minuto seguinte.

Assim, o propósito deste trabalho foi uma tentativa de desvendar as características e modificações existentes durante a atuação do profissional e identificar suas representações sobre a intervenção na Educação Física. Para tanto, uma abordagem qualitativa, com elementos da Etnografia, foi de imprescindível importância para a captação das informações desse universo de trabalho.

Entender a significação dos elementos existentes na intervenção para a profissional, significou ampliar a visão sobre as características da atuação do profissional de Educação Física e de como são guiados pelos valores e normas, construídos antes mesmo de sua inserção no Ensino Superior. Suas ações não são guiadas apenas pelas demandas sociais, mas giram em torno de concepções que acreditam serem significativas para sua atuação.

Através desse entendimento podemos perceber que grande parte dos conhecimentos formalizados da profissional são modificados ou transformados através de outras fontes de conhecimentos que podem conter algum tipo de formalização ou não como: Internet, revistas, livros indicados por alunos etc., e que fundamentam grande parte de suas aulas. Para tanto, os conhecimentos formalizados não deixam de estar presentes na base de suas ações e norteiam a busca por outros tipos de conhecimentos que complementam e trazem subsídios para que a intervenção seja contextualizada com as necessidades e peculiaridades dos alunos.

Percebemos também que o seu papel enquanto profissional é representado por várias funções, explicitando um perfil preponderantemente preventivo diante das atuações de outros profissionais. Percebemos que essa representação sinaliza o papel utilitarista que a Educação Física perpetua através de axiomas como esporte e saúde ou esporte e educação, e que está atrelada à busca da Educação Física de uma maior autonomia e reconhecimento diante de outras profissões como Medicina e Nutrição, que, através de seus conteúdos intervencionistas, manipulam as tomadas de decisões em ações profissionais da Educação Física.

Com relação aos conhecimentos procedimentais, ou seja, aqueles pertinentes à seleção de materiais e estratégias de ação,

nos levaram a crer que os conhecimentos de cunho aplicados, transmitidos na preparação profissional, dificilmente são associados com a realidade da intervenção do profissional de Educação Física, já que a informante não remete sua autonomia sobre esses conhecimentos à sua passagem pela graduação. Este fato, sem dúvida, é uma questão que deve ser procedida de reflexão sobre como foram e estão sendo transmitidos os conhecimentos da profissão durante a formação do profissional, e se realmente existem contextualizações condizentes com a realidade de intervenção na Educação física.

Outro fato identificado foi que conhecimentos adquiridos com as experiências da profissional, modificam e transformam os seus conceitos e pré-conceitos conforme as situações do seu dia-a-dia, o que significa que a formação do profissional não ocorre apenas na graduação, nas especializações ou em outros tipos de cursos preparatórios, mas sim continuamente, através de seus próprios interesses e necessidades. Além disso, as regras do ambiente de trabalho, e as trocas constantes entre a profissional e o meio no qual ela está inserida influenciaram diretamente na maneira como a intervenção foi e é constituída.

Todos esses elementos demonstram uma rede de ligações que expressam características da profissão, mesmo em intervenções singulares, o que evidencia que a identidade da Educação Física está impregnada na intervenção do profissional.

Contudo, ainda sentimos a necessidade de que novos estudos sejam realizados para que outros elementos sejam descritos com maior consistência. Descrever as características do ambiente de trabalho e suas influências na constituição da personalidade profissional, além de compreender de forma mais ampla o funcionamento das relações entre os profissionais de áreas distintas e como participam da construção da intervenção profissional em Educação Física, são exemplos de estudos que somariam ainda mais para o entendimento da área.

Para se chegar a essas considerações, muitas perguntas foram realizadas, muitas incertezas acompanharam possíveis verdades,

muitos valores foram deixados de lado e muito se aprendeu. Observar o outro é o caminho para descobrir como construímos nossas próprias escolhas dentro de inúmeros caminhos possíveis, algumas vezes visíveis e outras vezes ocultos no meio do que se enxerga mas não se consegue ver.

**The professional's knowledge and its relation with the work environment during professional intervention**

**Abstract:** The professional education and the knowledge he/she acquires in his/her life history are part of the characterization of the Physical Education professional's intervention. Based on this, the purpose of this study was to discover the characteristics of the knowledge used by the Physical Education professional in his/her professional intervention. The qualitative approach was used, carrying out an ethnographic-like study. After the data analysis, it was possible to recognize the elements that constitute work for the professional. It is concluded that the cultural representations that the Physical Education has toward the professionals as well as the society, are related to the understanding of what is part of the theme dealt with.

**Keywords:** Physical Education. Professional Intervention. Professional knowledge. Ethnography.

**El conocimiento profesional y su relación con el ambiente del trabajo durante la intervención profesional**

**Resumen:** La educación profesional y el conocimiento que él/ella adquiere en su historia de vida son parte de la caracterización de la intervención del profesional de Educación Física. Basado en esto, el propósito de este estudio era descubrir las características del conocimiento usadas por el profesional de Educación Física en el su la intervención profesional. El acercamiento cualitativo fue usado, mientras llevando a cabo un el estudio tipo etnográfico. Después del análisis de los datos, era posible reconocer los elementos que constituyen el trabajo para el profesional. Se concluye que las representaciones culturales que la Educación Física tiene hacia las profesionales así como la sociedad, se relaciona a la comprensión de qué la parte del tema se reparte con.

**Palabras clave:** Educación física. Intervención profesional. Conocimiento Profesional. Etnografía.



## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1995.
- BARROS, J. M. C. Preparação profissional em Educação Física e esportes: propostas dos cursos de graduação. **Motriz**, Rio Claro, v. 4, n. 1, p. 12-17, 1998.
- BERSI, M A. O ponto de vista de estudantes de Educação Física sobre os conhecimentos relevantes em situações-problema de intervenção profissional. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 11, n. 95, abr. 2006. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 25 mar. 2007.
- BETTI, M. Por uma teoria da prática. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 73-127, dez.1996.
- CALDEIRA, A. M. S. A formação de professores de Educação Física: quais saberes e quais habilidades? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 87-103, maio 2003.
- DAMATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, E. O. (Org). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e métodos na pesquisa-social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DAOLIO, Jocimar. **Da Cultura do Corpo**. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1999.
- EZPELETA, Justa; ROCKWELL, A. **Pesquisa Participante**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, E. dos S; VERENGUER, R. de C.; REIS, M. C. da C. Educação Física: pensando a profissão e a preparação profissional. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 39-46, 2002.
- FREIDSON, E. **Professionalism**: The third logic on the practice of knowledge. Chicago: University of Chicago, 2001.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GONDIN, S. M. G. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com a formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 299-309, 2002.
- LOVISOLO, H. Mas afinal, o que é Educação Física?: a favor da mediação e contra os radicalismos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. xviii-xxiv, 1995.
- MANOEL, E. J; TANI, G. Preparação profissional em Educação Física e Esporte: passado, presente e desafio para o futuro. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 13, p. 13-19, dez. 1999.
- Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 151-177, setembro/dezembro de 2007.

MESQUITA, Rosa Maria. Comunicação não-verbal: relevância na atuação profissional. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 155-63, jul./dez.1997.

NASCIMENTO, J. V. Escala de auto-percepção de competência profissional em Educação Física. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 5-12, jan/jun. 1999.

NASCIMENTO, J. V. Realidade e perspectivas no mercado de trabalho em Educação Física para o século XXI. **Cardeno de Educação Física**, M. C. Rondon, v. 2, n. 1, p. 117-136, nov. 2000.

ORNELLAS, C. P. As doenças e os doentes – a apreensão das práticas médicas no modo de produção capitalista. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 19-26, jan. 1999.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de Professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RONCA, A. C. C; COSTA, R. A construção de uma democracia cognitiva. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 24-29, 2002.

SATO, L.; SOUZA, M. P. R. de. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa Etnográfica em Psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 29-47. 2001.

SOBRAL, F. Cientificismo e credulidade ou a patologia do saber em ciências do esporte. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, São Paulo, v. 17 n. 2, p. 143-152, jan. 1996.

SORIANO, J. B.; WINTERSTEIN, P. J. Satisfação no trabalho do professor de educação física. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 145-159, 1998.

SORIANO, J. B. **A constituição da intervenção profissional em educação física: interações entre o conhecimento formalizado e a noção de competência**. 2003. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2003.

SORIANO, J. B; WINTERSTEIN, P. J. A constituição da intervenção profissional em educação física: interações entre conhecimento “formalizado” e as estratégias de ação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 315-32, out./dez. 2004.

SPRADLEY, J. P. **The ethnographic interview**. Orlando: Hacourt Brace Jovanovich, 1979.

TANI, Go. Cinesiologia, Educação Física e Esportes: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 9-50, dez. 1996.

**Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 151-177, setembro/dezembro de 2007.

TEDLOCK, B. Ethnography and ethnographic representation. *In*: DENZIL, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. 2nd. ed. California: Sage, 2000. p. 455-485.

VEGA, E. H. As Competências do Professor de Educação Física na Pós-modernidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 19-31, set./dez. 2002.

VERENGUER, Rita de Cássia Garcia. Intervenção Profissional em Educação Física: expertise, credencialismo e autonomia. *In*:\_\_\_\_\_. **Mercado de trabalho em Educação Física**: significado da intervenção profissional à luz das relações de trabalho e da construção da carreira. 2003, 170 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2003. p. 42-68.

Recebido em: 23/04/2007  
Aprovado em: 06/09/2007

**Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 151-177, setembro/dezembro de 2007.